

Reflexões sobre as ambições marítimas da China na atualidade (parte 3 de 3)

O artigo anterior tratou dos obstáculos político-estratégicos existentes que se apresentarão à China caso venha a empreender suas ambições marítimas em alto-mar. Nesta última parte será abordada a estrutura naval chinesa, atual e planejada, para a consecução de seus objetivos estratégicos. Com a provável intensificação da presença militar norte-americana no Afeganistão, decorrente da nova estratégia dos EUA em concentrar sua capacidade militar contra a Al-Qaeda, ao invés de contribuir para o estabelecimento da democracia no Iraque, Índia e Japão, acompanhados pelos Estados de menor estatura política regional (Malásia, Indonésia e Cingapura), se preocupam com um possível “relaxamento” dos EUA diante da ameaça chinesa em afirmar suas ambições marítimas na região, e que proporcione um acréscimo de poder da China de forma irreversível. De fato o empenho na construção de inúmeras bases navais chinesas é enorme, especialmente aquelas de maior valor estratégico no apoio logístico para suas forças de superfície (reparo, suprimentos, combustíveis, armamento e munição) e as protegidas para apoio direto aos seus submarinos. O comprometimento na instalação de bases navais acompanha o crescimento econômico de uma nação dependente em 90% das linhas marítimas de comunicação para com suas trocas comerciais¹. O poder militar chinês possui um fator de força em relação ao dos seus possíveis oponentes, qual seja, a das forças militares serem integradas sob um único comando político-estratégico, gerando uma mentalidade decorrente de uma única doutrina militar. Todas as forças navais², aeronavais³ e submarinas⁴, fazem parte, juntamente com a força aérea, do Exército Popular da China (EPC). As três esquadras chinesas⁵ dispõem cada uma, de um esquadrão aeronaval orgânica, composta de aviões de caça, bombardeios, de comando e controle e de alarme aéreo antecipado (AEW – sigla em inglês, “*Airborne Early Warning*”). Há poucas décadas a China somente importava navios de países regionais (ex-URSS) e da Europa (França, Itália e Holanda), contudo hoje busca consolidar como projetista na arte naval da construção de navios, pois ainda depende de países estrangeiros com expertise em motores, na integração de sistemas de controle (propulsão, energia, governo, armas e sensores), em equipamentos relacionados com guerra eletrônica. Seu principal fornecedor permanece sendo a Rússia na maioria desses componentes. Uma forte vulnerabilidade que a Marinha chinesa tem pleno conhecimento é a presente ausência de um porta-aviões em atividade com capacidade de proteção, em profundidade, de uma força naval de ataque, além de projeção de poder sobre áreas marítimas de seu interesse. Rumores dão conta de que o porta-aviões *Varyag*⁶, atualmente imobilizado e atracado no “Estaleiro Dalian” a nordeste da China, praticamente ‘oco’, sem propulsão, muito menos dotado de equipamentos e sistemas de controle diversos, possivelmente será convertido em um navio de treinamento. O possível motivo gira em torno das dificuldades em adquirir os equipamentos necessários da Rússia para torná-lo operacional como uma plataforma de combate de ataque e de controle de áreas marítimas (foto 00). A força de submarinos é a maior prioridade para o projeto naval global chinês. Ela dispõe, atualmente, de seis unidades com propulsão nuclear e cinquenta e quatro com planta convencional (diesel-elétrico), sendo um nuclear estratégico. Vale assinalar o projeto de construção de submarinos nucleares e convencionais modernos para substituir os

¹ O percentual de dependência do Brasil é superior ao da China, atualmente na faixa dos 95%. (Nota do autor).

² Navios de superfície [escolta e de esclarecimento, unidades anfíbias, navios logísticos (reabastecimento e reparo), navios caça-minas e varredores de minas, patrulha (mono e multicascos), dentre outras classes]. (Nota do autor)

³ Helicópteros embarcados e aviões baseados em terra. (Nota do autor)

⁴ Submarinos de ataque e estratégicos, nucleares e convencionais. (Nota do autor)

⁵ Leste (baseada em Xangai), Sul (Zhanjiang) e Norte (Qingdao).

⁶ Adquirido da Rússia (ex-“Riga” – Classe Admiral Kuznetsov)

antigos ainda em operação, alguns até já obsoletos. Duas classes de novos submarinos nucleares se destacam. O primeiro da Classe Jin (SSBN-094), lançador de mísseis estratégicos dotados de ogivas nucleares, em substituição ao da Classe XXX (SSBN-038). O segundo da Classe Chang (SSN-093), que irão operar ao lado dos submarinos da Classe Yuan (SSN-039a), ambos de ataque, em substituição aos da Classe YYY (SSN-000), ainda operacionais (fotos 11/22). A influência da arte-naval russa permanece significativa, contudo a China tem pressa para atingir sua autonomia industrial no setor naval, pois tem plena ciência da necessidade de comissionar submarinos com tecnologia de ponta, a fim de que sua força de submarinos possa, de fato, se contrapor às ameaças dos seus supostos oponentes regionais, além da própria Marinha dos EUA. É sabido que a China importa, copia, adapta e, em boa parte, consegue melhorar equipamentos e processos que lhe convém, originários de nações européias e da Oceania⁷. É o caso da maioria dos navios de superfície. Essas unidades são distribuídas nas três Esquadras chinesas para emprego em tarefas de escolta, esclarecimento, patrulha, de apoio logístico e de projeção de poder sobre terra (anfíbios)⁸. Atenta aos sinais provenientes das atuais políticas imperiais da China, os EUA se esforçam nas iniciativas para consolidar os intercâmbios de cooperação com as marinhas da Índia e do Japão, visando a controlar as possíveis ambições chinesas dentro da atual conjuntura e das perspectivas futuras naquela região. Apresentada pela marinha norte-americana em 2007, a *Iniciativa de parceria marítima global* tem o propósito de desenvolver uma aliança marítima mundial contra atos de terror e de pirataria nos oceanos. Esse convite aos aliados dos EUA, dentre eles a China, pressupõe na contribuição de cada aliado na formação de uma “frota de mil navios”. Contudo, inexistem indícios de aceitabilidade dessa proposta pelo Estado chinês enquanto não ficar clara a identificação das possíveis segundas intenções desse acordo internacional e seus possíveis desdobramentos a longo prazo. Em face da importância estratégica da marinha chinesa para a consecução dos projetos nacionais chinês, supõe-se que ela esteja capacitada para empreender missões que incluam tarefas com identidade às aquelas mencionadas nestas análises. Fica, portanto, coerente supor que a marinha chinesa venha a contribuir com a proteção das cidades e estruturas costeiras estratégicas, com a garantia da soberania sobre o seu mar territorial e com a fiscalização das suas águas jurisdicionais. Também é aceitável pressupor a prioridade estratégica, dentro dos projetos de alto nível político do Estado chinês, a conquista e decorrente manutenção livre e desimpedida das linhas de navegação de seu interesse econômico e estratégico. E, para sua consecução, o Poder Naval chinês certamente assumirá o papel principal das ações a serem empreendidas pelas forças armadas do Exército da República Popular da China. O tempo há de registrar!

Roberto Carvalho de Medeiros, CMG (Ref). Professor universitário.

⁷ Exemplos de fornecedores para a China: Rússia (submarinos e destróieres), Austrália (catamarãs de alta capacidade e velocidade), França e Itália (sistemas de combate) e Holanda (armas de superfície como canhões).

⁸ Navios...

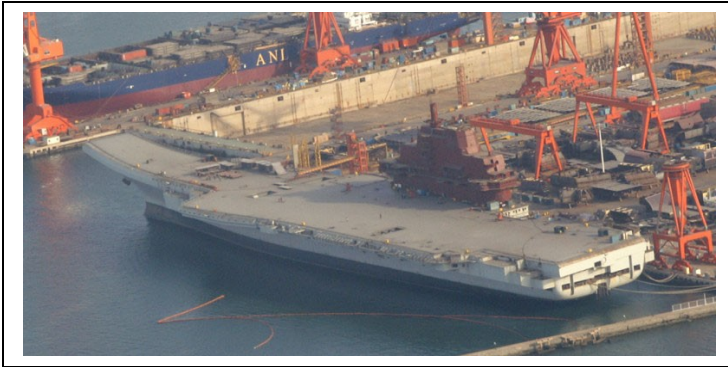


Foto 00



Foto 11



Foto 22